

# Alegrias, Micropolíticas e Periferias: Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados

Cristiane Maria Medeiros Laia<sup>1</sup>

---

## Resumo

Um movimento cultural autônomo na periferia da cidade de Duque de Caxias – RJ. As Máquinas de Guerra que Gilles Deleuze e Félix Guattari conceituam. Os tempos atuais que nos convidam a pensar formas de existência que se desalinhem da reprodução surda de realidades excludentes e redutoras. Esses são os motes que erguem aqui um pensamento acerca das micropolíticas das periferias como moléculas de revolução. Como vias já abertas a serem olhadas com a atenção necessária não para aprender a andar nos caminhos já traçados, mas para inspirar a elaboração de caminhos outros e possíveis novos que condigam com as demandas sensíveis desses tempos.

**Palavras-chave:** micropolítica, periferia, revolução molecular, resistência

---

## Abstract

An autonomous cultural movement on the periphery of the city of Duque de Caxias - RJ. The War Machines that Gilles Deleuze and Félix Guattari conceptualize. The current times that invite us to think about forms of existence that are out of line with the deaf reproduction of exclusionary and reducing realities. These are the mottos that raise a thought about the micropolitics of the peripheries as molecules of revolution. As paths already open to be looked at with the necessary attention not to learn to walk on the paths already drawn, but to inspire the elaboration of other paths and new possibles that meet with the sensitives demands of those times.

**Key-words:** micropolitical, periphery, molecular revolution, resistance

1

Doutoranda do PPG em Artes, Culturas e Linguagens, do Instituto de Artes e Design da UFJF. Mestre pelo PPG em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. Licenciada e Bacharel em Educação Artística pela UFJF.



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

**A** cidade é Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, onde a gente desembarca no ano de 1957, quando músicos locais criam uma Banda de Música, a Lira de Ouro, para tocar nos espaços periféricos da cidade e ensinar música às crianças e adultos que não pudessem pagar por esse acesso. A história da Lira, no entanto, começa bem antes disso e se entrelaça com a história da própria cidade.

Formada em sua grande maioria por pessoas que vinham de outros lugares para trabalhar na então capital do Brasil, mas que não recebiam remuneração suficiente para viver perto do trabalho, Caxias se constituiu sob os mandos e desmandos de Tenório Cavalcante (o homem da Capa Preta) e abrigou prostíbulos e cassinos até mesmo depois da proibição legal desses últimos. Funcionando como uma espécie de cidade dormitório, de quintal, de periferia do Rio de Janeiro, ela era social e economicamente dividida pela linha do trem: do lado do mangue viviam os mais pobres; na parte alta da cidade, os mais abastados dividiam espaço com os clubes, agências bancárias, prédios municipais e escolas.

Nesse tempo a cidade tinha uma banda de música oficial que tocava tanto nos eventos civis, religiosos e comemorativos, quanto nos bailes dos clubes, cujo acesso era restrito às pessoas brancas, endinheiradas e que tivessem sapato. Em nenhum desses espaços, salvo raras exceções, a população do mangue era bem vinda. Porém, os integrantes da banda eram, em sua maioria, moradores do lado mais pobre da cidade. E diante da impossibilidade de seus amigos e familiares participarem das tocatas e se divertirem, eles se uniram para formar, com recursos próprios, uma banda do lado da cidade onde viviam. Assim, a Lira de Ouro nasceu como resposta a uma demanda da população periférica por diversão.

Desde o uniforme da banda, até a administração dos parques, passando pelas músicas escolhidas e pelos instrumentos, tudo era completamente diferente da banda oficial. A forma de organização condizia inteiramente com a realidade em que viviam, e não com as instruções que garantiriam uma legitimidade desse conjunto. Isso possibilitou, entre outras coisas, que a Lira não fosse registrada em cartório como uma banda, mas como uma associação musical e artística. Essa diferença de denominação que, a princípio, parece irrelevante, surgiu da constatação de que a comunidade não precisava apenas de música, mas de algum



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

espaço que estivesse aberto à atividades artísticas múltiplas. Já que o estado também não se fazia presente dessa forma. Isso foi essencial não só para a propagação cultural local, mas para a própria sobrevivência da Lira em muitos momentos posteriores, em que, por exemplo, os recursos disponíveis por leis de incentivo à cultura, se voltavam para associações artísticas, e não para bandas.

Na década de 1960,

a Lira viveu seus momentos de glória. Os músicos juntaram seus cachês, economizados durante um bom tempo, a um cachê maior, vindo de uma apresentação em outra cidade. Com CR\$42.000,00 conseguiram comprar um espaço (...) e se mudaram para a primeira sede própria.

Pouco tempo depois, no entanto, essa área foi desapropriada (...). Com o dinheiro da indenização, a Lira pôde comprar outro terreno(...) onde é sua sede até o dia de hoje. (LAIA, 2014, pp.54)

A sede própria possibilitou que o número, a frequência e, conseqüentemente, o acesso às aulas de música fossem ampliados. De forma que

a Orquestra Tabajara, a Banda dos Fuzileiros Navais, a Banda de Ipanema e o Cordão do Bola Preta, são exemplos de bandas de música que contam hoje com talentos cuja formação musical inicial deu-se na Lira de Ouro. (LAIA, 2014, pp.55)

A Lira nunca teve uma organização vertical. Muito embora não soubessem do potencial de autonomia que uma organização horizontal, no formato rizomático, pode ter, os fundadores da Lira sempre deixaram chegar quem quisesse se unir ao projeto, formando redes de administração, de organização e de cooperação com o trabalho, onde a voz e a escolha de todos tinha o mesmo peso para as decisões. Aceitaram todo o apoio vindo, inclusive, de políticos e de instituições religiosas da cidade, mas nunca aliaram a atuação da Lira a nenhum grupo de nenhuma ordem. Nos anos de 1990, inclusive, diante de uma crise financeira e de gestão, a



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

prefeitura propôs que o espaço se tornasse público, sob sua administração. O presidente de então convocou a classe artística da Baixada Fluminense – que, em sua maioria, havia passado pela Lira – e, juntos, criaram estratégias, que foram desde rifas até shows para arrecadar dinheiro suficiente para acertar as dívidas e os documentos da associação. A partir daí a Lira tornou-se um Centro Cultural e, anos depois, o Primeiro Ponto de Cultura do Governo Federal na Baixada Fluminense.

Talvez até seja preciso dizer que em muitas formações sociais não são os senhores, mas antes os excluídos sociais que constituem focos de subjetivação: por exemplo, o escravo libertado que se queixa de ter perdido todo estatuto social na ordem estabelecida, e que estará na origem de novos poderes. A queixa tem uma grande importância não só poética, mas histórica e social, porque exprime um movimento de subjetivação ('pobre de mim...'): existe toda uma subjetividade elegida. O sujeito nasce nas queixas tanto quanto na exaltação. (DELEUZE, 1992, p. 189)

Desde então a Lira configura-se como um espaço que agrega diversidades em uma cidade que, embora com “um PIB, que, segundo o IBGE, em 2005 foi o 15º maior no ranking nacional e o segundo maior do Estado do Rio de Janeiro, com uma arrecadação de ICMS que também só perdeu para a capital” (LAIA, 2014, pp.42), “(...) ainda hoje sofre com problemas básicos de infraestrutura, como a ausência de rede de esgoto em muitos bairros, ruas sem calçamento e/ou passeios e a falta semanal de abastecimento de água em algumas regiões” (LAIA, 2014, pp.43).

A Lira acolhe em cada um dos seus tempos de existência, atividades que vão desde aulas de capoeira e ginástica, até saraus, shows e exposições mensais do cineclubes Mate com Angu. Tudo regado a muita alegria, em um ambiente que agrega um bar, festas animadíssimas nos fins de semana e toda proposta artística e/ou cultural que precise de um espaço para acontecer, e que siga os princípios de ser aberta às diversidades e a toda a multiplicidade de integrantes que a compõem.<sup>2</sup>

Nas brumas e miasmas que obscurecem o fim do milênio, a questão da subjetividade retorna como um leitmotiv.

2

(LAIA, 2014) A primeira parte desse artigo tem informações que foram retiradas da dissertação de mestrado referenciada acima, sem, no entanto, reproduzir partes além das que foram referenciadas no corpo do próprio texto.



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

Não mais que o ar e a água, ela não é um elemento natural. Como produzi-la, captá-la, enriquecê-la, reinventá-la, de forma permanente, de modo a torná-la compatível com Universos de valores mutantes? Como trabalhar a sua libertação, quer dizer, sua ressingularização? A psicanálise, a análise institucional, o cinema, a literatura, a poesia, as pedagogias inovadoras, os urbanismos e arquiteturas, criadoras.... todas as disciplinas terão que conjugar suas criatividade para conjurar as provas de barbárie, de implosão mental, de espasmo cósmico, que surgem no horizonte, e para transformá-los em riquezas e prazeres imprevisíveis cujas promessas, além disso, são perfeitamente tangíveis.<sup>3</sup>

Félix Guattari, na década de 1990, nos traz a ideia de Um Novo Paradigma Estético (Caosmose, 2006), que “se apresenta como uma alternativa em relação ao paradigma científico subjacente ao universo capitalista” (GUATTARI, 1993, p.29). Para ele, nesses tempos em que o capitalismo rege a lógica não só de mercado, mas da sociedade em sua completude, interferindo e definindo as relações humanas também nas esferas da sensibilidade, da criação e, logo, da subjetivação, as formas de existências que se configuram seguem, muitas vezes, a lógica da pasteurização, da homogeneização, do mercado global.

Isso, ao mesmo tempo em que conduz a uma despoetização ordinária da vida pela eliminação da diferença e pela padronização das experiências, colabora para a manutenção de estruturas sociais, políticas e culturais, excludentes e cristalizadas.

O novo paradigma que ele propõe e que chamou de “Paradigma da Criatividade”, seria então uma nova forma que atingiria não só o pensamento, mas o comportamento, as atitudes, as escolhas e a vida em todos os âmbitos. Considerando que “a criatividade e os processos de criação são estados e comportamentos naturais da humanidade [...] e, portanto, inerentes à condição humana” (OSTROWER, 1977, p.53). Uma outra via possível estaria aí então. Que se desalinha da lógica de mercado e, por isso mesmo, tem potencial de mudança social e política.

Ao fazer uma expansão do conceito de subjetividade, Guattari que nos ajuda a pensar esse paradigma, quando substitui a ideia do marxismo

3

(No original) Dans les brumes et les miasmes qui obscurcissent notre fin de millénaire, la question de la subjectivité revient désormais comme un leitmotiv. Pas plus que l'air et l'eau elle n'est une donnée naturelle. Comment la produire, la capter, l'enrichir, la réinventer en permanence de façon à la rendre compatible avec des Univers de valeurs mutantes? Comment travailler à sa libération, c'est-à-dire à sa re-singularisation? La psychanalyse, l'analyse institutionnelle, le film, la littérature, la poésie, des pédagogies innovantes, des urbanismes et des architectures, créateurs... toutes les disciplines auront à conjoindre leur créativité pour conjurer les épreuves de barbarie, d'implosion mentale, de spasme chaotique, qui se profilent à l'horizon et pour les transformer en richesses et en jouissances imprévisibles, dont les promesses, au demeurant, sont tout aussi tangibles. (GUATTARI, 1992, p.186-187)



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

clássico de sujeito individual e fechado na sua individualidade pronta, e nos brinda com um sujeito que se constrói o tempo inteiro, ao longo de toda a sua vida, por meio de todas as coisas que permeiam e transpassam a sua existência. E que, ao mesmo tempo, participa da construção de outras subjetividades individuais e coletizantes.

Assim, ela se constrói não só pelos elementos clássicos que se acreditava antes (figura do pai e da mãe como eixo de construção do sujeito, por exemplo, numa determinada leitura de Freud), mas também por meio de todos os contatos e relações que estabelece o tempo inteiro: pela mídia, de forma geral, as conversas, discussões, a convivência com vizinhos, as viagens, as leituras e toda a sorte de coisas, sujeitos e entes que se encontram no caminho. Tudo isso vai produzir inconsciente, o que faz com que sejamos vários, múltiplos e plurais em nossa singularidade. O próprio autor define esse conceito como

o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, 2006, p.19),

Ligada ao coletivo a ideia de subjetividade se liga, conseqüentemente, à uma ideia de produção. Porém, esse conceito aparece aqui de forma expandida, de modo que quando falamos de produção ligada à subjetividade,

produção não é só produção de coisas materiais e imateriais no interior de um campo de possíveis, mas também produção de novos possíveis, quer dizer, produção de produções, de bifurcações, de desequilíbrios criadores, de engendramentos a partir de singularidades, autopoicionamentos, autopoiese. Pela autopoiese algo se desdobra, ganhando consistência, autonomia, um movimento próprio, formando um universo a partir de seus componentes, se existencializando e até, no limite, tecendo uma subjetivação própria. (GUATTARI, 1993, p.44 e 45)

Expandindo o conceito de produção, a ideia de máquina também se refaz. E ela passa a atingir âmbitos da produção da vida que não estão, necessariamente, ligados ao mercado de consumo material. "Máquina",



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

na proposta do autor em parceria com Gilles Deleuze, vem substituir o conceito de estrutura, usado até então para traduzir as organizações da sociedade. Já que a primeira sugere uma maleabilidade que condiz com essa subjetividade em constante construção e não exclui as organizações mais tradicionais, ao mesmo tempo em que contrasta com o engessamento que “estrutura” supõe.

o maquinaico (que é o contrário do mecânico) é processual, produtivo, produtor de singularidades, de irreversibilidades, e temporal. Nesse sentido ele se opõe, termo a termo, à ideia de estrutura, de intercambialidade, de homologia, de equilíbrio, de reversibilidade, de a-historicidade etc. (PELBART, 1993, p.44)

Nessa lógica, temos as máquinas de guerra. Ao contrário do que o nome possa sugerir, as máquinas de guerra das quais os autores falam, são aquelas que atuam em campos que se diferem da violência, e se coadunam ao sentido mais revolucionário que a palavra Guerra pode ter: resistência. Nesse caso uma resistência ao que é excludente e que, instaurado como legítimo, negligencia formas de existir que não se alinham à lógica vigente.

Ou seja, considerando como normatismo político, cultural e social global o neoliberalismo, a produtividade capitalista como valor de vida e da supremacia branca, heterossexual, européia, rica e cristã. Tudo o que sai dessa vigência e torna-se, por assim dizer, minoria, passa a necessitar da luta para que seu lugar de existência seja minimamente garantido. Logo, o potencial de formação de máquinas de guerra está neste segmento. porque, excluídos do sistema, dos seus lucros e da possibilidade de existirem em suas singularidades, precisam encontrar, criar, inventar linhas de fuga através das quais seja possível tomar de volta para si a direção do estúdio de criação de suas próprias realidades.

Definimos a ‘máquina de guerra’ como um agenciamento linear construído sobre linhas de fuga. Nesse sentido, a máquina de guerra não tem, de forma alguma, a guerra como objeto; tem como objeto um espaço muito especial, espaço liso, que ela compõe, ocupa e propaga. (DELEUZE, 1992, p.50)



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

Quando fala em máquinas de guerra nesse momento, Guattari já acreditava que em algum momento eclodiriam conflitos que ultrapassariam as lutas sociais, escancarando a insatisfação da população com o sistema capitalista para além de suas perversidades econômicas. O fato dele ser global e globalizante, ao mesmo tempo em que traz a sensação de uma ampliação de acessos e de um pertencimento por meio da homogeneização de gostos e modos de vida, por outro cria uma legião de insatisfeitos, que são os excluídos do sistema citados anteriormente, cujas exclusões não se restringem ao capital, mas alcançam as esferas do desejo, do inconsciente, da existência enquanto instância singular – no caso aqui, imersa em um contexto que segue padrões. Esses conflitos teriam como seus agentes as máquinas revolucionárias, as máquinas de guerra que àquelas alturas, já eram gestadas em lugares diversos onde a insatisfação se instaurava. Eles se dariam por meio de “lutas relativas às liberdades, de novos questionamentos da vida cotidiana, do ambiente do desejo, etc...” – formas que agrupou no registro de “revolução molecular”.

Ninguém é capaz de definir, hoje, o que serão as futuras formas de coordenação e organização dos futuros movimentos revolucionários, mas o que parece evidente é que implicarão, a título de premissa absoluta, no respeito à autonomia e à singularidade de cada uma de suas componentes. (GUATTARI, 1987, p.222)

Revoluções Moleculares, portanto, se configuram como movimentos pontuais, não globais. Porque tratam de suprir uma demanda que não é global, mas que diz respeito justamente ao que o global massacra, apaga e silencia. Surgem como uma resposta às necessidades (de todas as ordens) daqueles que tem sua existência negligenciada material e imaterialmente pelo sistema. Daqueles que, jogados para as periferias das cidades, do planeta e da existência, excluídos dos lucros do sistema, estão na base da pirâmide que sustenta esse mesmo sistema e seus instrumentos de dominação.

As máquinas de guerra são os agentes dessas formações revolucionárias, pontuais e potentes enquanto micropolíticas de transformação social. Gestadas a partir dos excluídos do sistema, seus espaços de constituição são, portanto, os espaços onde esses sujeitos vivem e atuam. As periferias e os





**Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados**  
Cristiane Maria Medeiros Laia

guetos geográficos e conceituais, os cantinhos onde brotam vidas em meio à aridez do cotidiano. Nesse sentido, Guattari sublinha que “o terceiro mundo esconde tesouros que merecem ser explorados.”<sup>4</sup>

### **Seria a Lira de Ouro uma molécula de Revolução?**

O momento presente, em que coexistimos com pandemias e pandemônios, parece clamar por formas de existir que nos permitam resistir às políticas fascistas e neoliberais que, entre outras coisas, servem e se alimentam do achatamento das diferenças e da captura e redução dos desejos a termos comercializáveis, à moda capitalista.

Mas como responder a esse clamor? Como remar contra toda uma correnteza que se levanta, em ondas ultra conservadoras, a reclamar de volta todo um sistema de colonização de corpos, de vidas, de desejos e inconscientes, do qual ainda saíamos a passos não tão largos? Como inserir no cotidiano ações que nos projetem para linhas de fuga, para lugares outros onde a política do sensível seja ainda possível? Como criar outros possíveis? Como não sucumbir à uma despoetização ordinária da vida, à qual estamos sujeitos em todas as vezes que ligamos a TV e nos deparamos com tentativas de nos convencer que a alegria, a emoção<sup>5</sup>, a transformação social e a expansão existencial não têm lugar para existirem?

Se por um lado as derrocadas diárias de direitos adquiridos com lutas honestas, a retomada de ideais genocidas pelo poder e as tentativas de capturar os desejos dos sujeitos ainda à salvo, nos colocam diante de uma guerra ética, estética, política, social, cultural e, em muitos momentos, civil, por outro, abrem os portais da resistência.

Crivados de espinhos, assim como esses tempos, os cactos são, talvez, as plantas mais resistentes que conheço e que se mantêm, muitas vezes, à salvo de serem tocadas, pelo potencial de dor que esses espinhos têm quando perfuram a pele humana. A primeira vez em que vi um cacto com flor, pensei que fosse artificial, colocada por alguém para dar alguma alegria àquela planta tão ríspida, de aparência tão endurecida e que quase não precisa de água para sobreviver. No entanto, para minha surpresa, a alegria brotava de dentro do próprio cacto: a flor era natural e tinha uma beleza singela, sutil e leve como poucas vezes vi na vida. Esse é o portal.

4

Et dans le registre de ce qu'autrefois  
j'ai appelé des "révolutions  
moléculaires", le tiers-monde  
recèle des trésors qui resteraient  
d'être explorés! (GUATTARI, 1992,  
p 183-184)

5

"(...) emoções como gestos ativos  
(...)” (DIDI-HUBERMAN, 2016, pp.24)



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

Brotar verde e viçosa em meio a aridez, talvez seja o aspecto da Lira mais relevante, quando voltamos para ela um olhar de quem olha para uma molécula de revolução pela micropolítica. No contexto em que ela se ergueu, muitas outras iniciativas eram necessárias e, talvez, até mais urgente seriam propostas que levassem comida, saneamento básico ou remédios para a população. A alegria prevaleceu como necessidade mais imediata, no entanto. Não uma alegria ingênua, mas uma alegria esperançosa e potente, porque vinda de dentro dessa construção social que, embora se configurasse nas margens geográficas, sociais e culturais da cidade, mantinha-se no núcleo sensível da existência, e queria alimentar sua alma. E isso é, por si, revolucionário, quando pensamos que na lógica capitalista a alegria, assim como outros elementos de prazer, tem suas nuances, suas pregas capturadas pelo sistema e, achatada e pasteurizada é embalada para o consumo nos mais diversos produtos, de beleza à saúde.

Erguer um movimento artístico, guiado pela sensibilidade atenta de seus propositores (os próprios sujeitos desse lugar), que enxergam na diversão uma via para reverter, um pouco e/ou momentaneamente que fosse, todas aquelas mazelas, as faltas e lacunas deixadas por um estado desigual e ausente, é transformar em querência alguma coisa que, como carência, seria facilmente um caminho para uma vida sem poesia, sem sentido e sem alegria. É deleitar na contemplação da flor do cacto para alimentar o sensível, sabendo que, respeitado aquele ciclo da planta, ela permitirá que sua água seja retirada e usada para regar a vida física.

Krenak (2019) chama isso de adiar o fim do mundo. Para Kopenawa (2015), é levantar o céu e impedir que ele caia sobre nossas cabeças.

Quando as pessoas do lado mais pobre de Duque de Caxias entendem que delas vêm sendo tirado sistematicamente o direito de “ver a banda passar”, elas se unem para criar sua própria Banda. E um “Levante”<sup>6</sup> acontece. O céu que as sufocava é empurrado para cima, dando espaço para novos respiros, a partir do momento em que não aceitam o lugar excluído da diversão que é dado a eles. E adiam o fim desse mundo (da alegria), criando uma nova forma autônoma de se alegrarem. O movimento de erguimento se segue quando não se contentam com os modos, os moldes, os uniformes, os repertórios, os modelos que regem a banda oficial (legítima) do outro lado da cidade. E criam suas próprias regras,

6

a palavra Levante se refere tanto à sessão de vídeos exibida na Lira de Ouro pelo Cine Clube Mate com Angu, intitulada “Sessão Levante” (LAIA, 2014, PP.35); quanto ao sentido que Didi-Huberman imprime a essa palavra no texto de abertura da Catálogo da Exposição Levantes (DIDI-HUBERMAN, 2017)



Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados  
Cristiane Maria Medeiros Laia

seus próprios referenciais, seus próprios possíveis coletivamente, a partir dessas redes de colaboração que se formam e que, para Guattari são os agenciamentos coletivos de enunciação<sup>7</sup>.

Os agenciamentos coletivos de enunciação produzem seus próprios meios de expressão – podendo tratar-se de uma língua especial, de uma gíria, da volta de uma língua antiga. Para elas, trabalhar os fluxos semióticos, os fluxos materiais ou os fluxos sociais são uma só coisa. Não mais se tem face a face um sujeito e um objeto e, em terceira posição, um meio de expressão; não mais se tem a tripartição entre o campo da realidade, o campo da representação e da representatividade e aquele da subjetividade. O que se tem é um agenciamento coletivo que é, ao mesmo tempo, sujeito, objeto e expressão. (GUATTARI, 1987, p.178)

Dessa forma, a origem periférica de uma formação que vem das beiradas do mangue para onde ninguém olhava, permanece na constituição da Lira, como raiz forte que garante ao movimento o papel de agregador de multiplicidades e de singularidades. E a projeta a enxergar e abraçar diferenças além daquelas que compõem a sua realidade, abrindo espaço para todas as outras que não tem um lugar para estar.

O trabalho imaterial aparece não só aí, mas ao longo dos anos de atuação da Lira, como o seu maior tesouro. Seja considerando a música algo não palpável, a diversão como alguma coisa que não é quantitativa, e as atividades culturais como meios pouco eficientes para render capital, seja considerando que o maior trabalho ali, e que se dava mesmo antes da formação da Lira, é um trabalho vivo. Aquele que é feito, antes de qualquer coisa, por se tratar de algo em que se acredita, que tem sentido na vida de quem o faz, e que ultrapassa qualquer ganho material que se possa mensurar. O que se produz na Lira é muito mais redes de cooperação, por meio dos afetos, que qualquer outra coisa. Porque não se trata mais somente de

produção de coisas materiais ou imateriais no interior de um campo de possíveis, mas também de produção de novos possíveis, quer dizer, produção de



**Alegrias, Micropolíticas e Periferias:  
Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados**  
Cristiane Maria Medeiros Laia

produções, de bifurcações, de desequilíbrios criadores, de engendramentos a partir de singularidades, autoposicionamentos, autopoiese. Pela autopoiese algo se desdobra, ganhando consistência, autonomia, um movimento próprio, formando um universo a partir de seus componentes, se existencializando e até, no limite, tecendo uma subjetivação própria. ( PELBART, 1993, p.44)

Diante disso, eu penso que talvez não estejamos mais em tempos de perguntar como e se é possível criar, inventar novos motes que alterem a realidade e disparem, ou, pelo menos, apontem para a construção de formas de existir menos absurdas e desiguais que as atuais. Talvez estejamos em tempos de observar o que já acontece e que resiste a isso: nas periferias, nos guetos, nos morros, nas aldeias indígenas e quilombolas, nas senzalas e navios negreiros contemporâneos de todos os formatos. Observar o que as máquinas de guerra estéticas, éticas e revolucionárias produzem nas margens e que, garantem que elas ainda existam com potência de transformação.

Abandonar o olhar global e cultivar um olhar microscópico, minucioso, para enxergar as micropolíticas que brotam e atuam nas nossas realidades e que permitem que as margens ainda não tenham se desfeito em pó e caos. Aprender com esses espaços geográficos, sensíveis e conceituais, como erguer Levantes, como suspender o céu, como adiar o fim do mundo. Como virar a engrenagem com sutileza, endurecer sem perder a ternura, continuar florindo quando cacto, e resistir pela via da alegria potente e transformadora.

### Referências

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992 – 232 p. (Coleção Trans)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS). 4ª reimpressão 2008



DIDI-HUBERMAN, Georges. Que Emoção! Que Emoção?. São Paulo: Editora 34, 2016. 1ª Edição. Coleção Fábula

\_\_\_\_\_. (org.). Levantes. Tradução de Jorge Bastos.; Edgard de Assis Carvalho; Mariza P. Bosco; Eric R. R. Heneault. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

GUATTARI, Félix. *Chaosmose*. Paris: Galilée, 1992.

\_\_\_\_\_. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990

\_\_\_\_\_. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2006. 4ª reimpressão

\_\_\_\_\_. Guattari, o paradigma estético. Entrevista concedida a Fernando Urribarri. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 1- p. 29-34 -, 1993.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

LAIA, Cristiane Maria Medeiros. Produção Cultural na Baixada Fluminense: Lira de Ouro, Revolução Molecular. 2014. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias – RJ.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Vozes, lançado em 1977.

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital – Ensaios de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003

